

Produção de animações como ferramenta para discutir a questão ambiental: uma vivência lusófona

Tatiana Ferreira dos Santos

Resumo: O presente escrito é fruto do minicurso desenvolvido no III Congresso Internacional de Educação Ambiental ocorrido na cidade de Murtosa em Portugal. O trabalho objetiva evidenciar as produções desenvolvidas durante o minicurso e acentuar os debates incitados durante as atividades propostas, dentre elas, a produção de animações através da técnica *stop motion*, partindo da construção de roteiros focados na valorização da cultura local das regiões de origem dos participantes. O intuito da atividade perpassou o compartilhamento de saberes ambientais em busca da promoção de sociedades sustentáveis. Para tanto, a produção de animações foi de crucial importância como potencial ferramenta que possibilitou diálogos, experiências e compartilhamento de saberes necessários para discutir e refletir criticamente sobre as relações socioambientais e a questão ambiental eminentes na sociedade atual.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Animação; Cultura local

Abstract: This writing is the result of short course developed in the III International Environmental Education Congress held in the city of Murtosa in Portugal. The work aims at identifying the productions developed during the short course and accentuate incited debates during the proposed activities, among them, animation production through technical stop motion, starting from the construction of itineraries focused on the appreciation of the local culture of the regions of origin of the participants . The purpose of the activity pervaded sharing environmental knowledge in pursuit of promoting sustainable societies. Therefore, the production of animation was of crucial importance as a potential tool which enabled dialogues, experiences and sharing knowledge necessary to discuss and reflect critically on the socio-environmental relations and environmental eminent issue in today's society.

Keywords: Environmental Education; animation; Local culture

Considerações iniciais

A questão ambiental se tornou, com o passar dos anos, pauta de discussão em diversas áreas e segmentos da sociedade. Por se tratar de uma falha na relação homem-natureza, são criadas propostas e estratégias para o enfrentamento da questão ambiental na busca de um equilíbrio que contemple o metabolismo complexo dessa relação.

No entanto, por envolver uma complexidade, a questão ambiental ainda se encontra em uma zona obscura de entendimento na medida em que o homem é colocado como centro do universo, ou até mesmo, causador de todos os males do planeta.

A ausência de reflexões profundas nesse âmbito, nos leva a compreensões equivocadas e atitudes que podem distorcer a realidade levando-nos à construção de estratégias errôneas no enfrentamento da questão ambiental. Além disso, uma reflexão superficial da realidade pode desconsiderar as estruturas sociais complexas, o processo histórico, bem como, os aspectos econômicos, culturais, políticos, educacionais e ambientais que envolvem as relações socioambientais. (Leff, 2014)

É nessa perspectiva que se ampara o objetivo principal do minicurso intitulado: "Valorização da Cultura Local através da animação: uma perspectiva da Educação Ambiental" proposto ao III Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de língua portuguesa. Se, para refletir criticamente sobre a questão ambiental é necessária uma reflexão profunda, então, através deste escrito discutiremos a possibilidade, a partir da construção de animação, refletir criticamente, partindo do compartilhamento de saberes e da cultura local evidenciados nas produções.

Para se chegar nesse entendimento, serão analisadas as avaliações dos grupos trabalhados no minicurso e os roteiros produzidos pelos participantes. O roteiro enfatizado faz parte de uma das etapas para construção de animações do minicurso. Além da análise das avaliações e roteiros, a avaliação da proposta do minicurso será evidenciada na intensão de elencar possibilidades para se chegar a reflexão crítica dos sujeitos.

O “minicurso 2” do III Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de língua portuguesa

Dentre os dias 07 e 12 de julho do ano de 2015, na escola Básica Integrada da Torreira, localizada na Vila Torreira em Murtosa, ocorreu o III Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de língua portuguesa. Na programação do pré-congresso¹, encontrava-se as dinamizações de atividades (minicursos e oficinas), diversas atividades de campo, mesas redondas e comunicações orais.

A proposta para desenvolvimento do minicurso no congresso foi pautada na intensão de se trabalhar a questão ambiental a partir de experiências locais onde se evidenciaria saberes das diversas comunidades de origem dos participantes no intuito de compartilhamento de ideias sustentáveis e reflexões críticas da realidade socioambiental.

O objetivo do minicurso consistiu em estimular a sensibilidade dos sujeitos, proporcionando um espaço de construção colaborativa de ideias que perpassam pela valorização da cultura como um dos vieses para se trabalhar a Educação Ambiental - EA, partindo do pressuposto de trabalhar o pertencimento, coletividade, respeito, colaboração, dentre outros valores essenciais para a EA. O método utilizado para a construção das animações foi o *Stop Motion*. O *Stop Motion* consiste na junção de sequências fotográficas que dão movimentação a um objeto ou cenário. As fases de construção da animação transcorrem pela formulação de um enredo, com enfoque para a cultura local no viés da educação ambiental, montagem e construção do cenário onde acontecerá a história, tiragem das sequências fotográficas e a finalização da animação

¹ A organização do congresso definiu como uma das atividades que envolviam o pré-congresso: visitas a campo, minicursos e programações culturais; a título de receber os participantes recém-chegados. Além das atividades do pré-congresso, houveram também atividades do pós-congresso que envolviam visitas guiadas, bem como demais programações culturais.

com a utilização de um programa de editor de vídeo. No tocante à proposta de finalização dos vídeos, foi utilizado o *software Windows Movie maker*, uma ferramenta que permite a edição de vídeos curtos disponível no sistema operacional do *Windows*.

Os materiais utilizados durante o minicurso foram: câmera fotográfica, notebook / computadores com internet, massa de modelar, giz de cera, cola, papel, folhagens, galhos, ou qualquer outro material natural existente. O tempo de duração do minicurso foi de 120 minutos e o público foi de 7 participantes.

O minicurso foi dividido em duas partes, a primeira consiste na apresentação inicial com acolhimento, abordagens conceituais e tiragem das fotografias, a segunda parte os participantes se concentraram na edição, finalização dos vídeos, exibição e apresentação dos curtas-metragens.

A proposta desenvolvida como plano de trabalho para o minicurso ficou organizado da seguinte forma:

Quadro 1: Plano de trabalho do minicurso

Dinamização	Tempo de duração:
Apresentação da proposta	10 min
Separação em Grupos de Trabalho	-
Criação de roteiros	10 min
Construção do Cenário e modelagem dos personagens	20 min
Tiragem das fotografias	30min
Edição dos vídeos no Software Windonws Movie Maker	30 min
Socialização dos GTs	5 min para cada GT: 15 min
Discussão, reflexão e finalização	-

Fonte: desenvolvida pelo autor.

As questões que norteavam a proposta do minicurso perpassavam por: Como estimular a valorização da cultura local numa perspectiva da Educação Ambiental crítica produzindo animações audiovisuais com a intenção de sensibilizar os sujeitos para a questão ambiental? Em que medida, os sujeitos poderão incorporar a cultura local através da produção de animações como um ponto de partida para a promoção da Educação Ambiental

crítica? Quais as possibilidades de trabalhar a partir da reflexão crítica dos sujeitos sobre a Educação Ambiental por meio da produção de animações audiovisuais?

Partindo dessa proposta, os participantes foram convidados a formarem os GTs e iniciarem as produções das animações.

Mãos na massa: etapas para construção de animações

A apresentação inicial pôde proporcionar a explicação da proposta de trabalho, juntamente com a explanação do uso da técnica *stop motion* para produção de animações. Inspirado na proposta de Bossler (2010), a dinâmica da construção das animações perpassou por etapas seguindo a linha sugerida pelo autor.

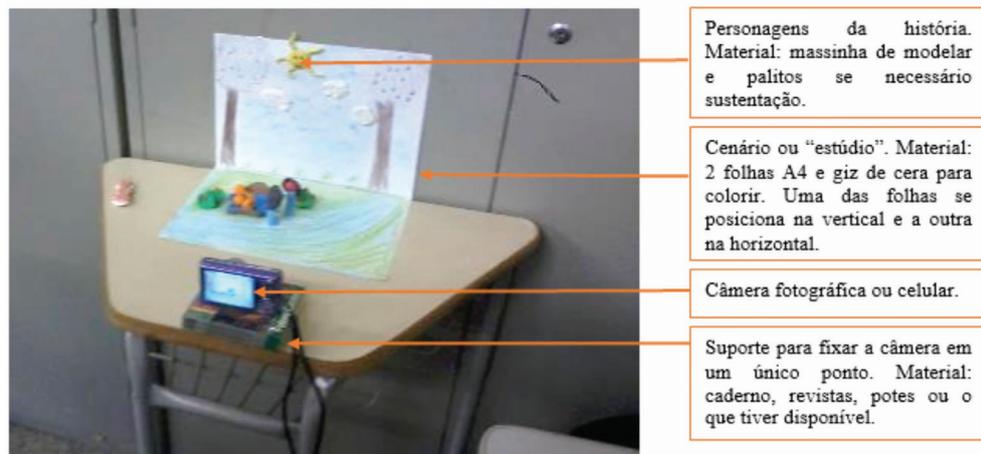
Para a utilização da técnica nas oficinas, com alunos do minicurso, foi necessário o cumprimento de etapas substanciais para a produção de animações. Apesar da flexibilidade e da diversidade de meios na execução da técnica, escolhemos o método de Bossler (2010) para melhor adequar à realidade das turmas de pedagogia. Nele, a autora expõe apenas quatro etapas para se alcançar a produção de uma animação simples.

O primeiro passo é a escolha da história. Vale ressaltar que é imprescindível iniciar com histórias breves e diretas, pois para desenvolver uma pequena animação, com duração de segundos, são necessárias, no mínimo, 60 fotos. Essa etapa se constitui em processo criativo da história, que culmina com o roteiro. No caso da oficina, foi introduzida a reflexão sobre as questões socioambientais vivenciadas pelos alunos na disciplina.

O segundo passo se destina à construção dos cenários e à modelagem das personagens. No que diz respeito às personagens, é importante atentar se os bonecos ou objetos que farão parte do cenário possuem, ao mesmo tempo, resistência e flexibilidade, para facilitar as alterações dos movimentos. Durante a montagem do cenário, são feitas as fotografias sequenciadas. Nesta etapa, Bossler (2010) frisa a importância da máquina fotográfica

em permanecer em um local fixo, para que somente o objeto ou cenário ganhe movimento. Se possível, é interessante que a máquina seja fixada em um tripé adequado ou um suporte que a fixe em um ponto só, para evitar que a câmera se movimente. Caso contrário, a produção não causará a ilusão de ótica, deixando a animação sem o efeito almejado.

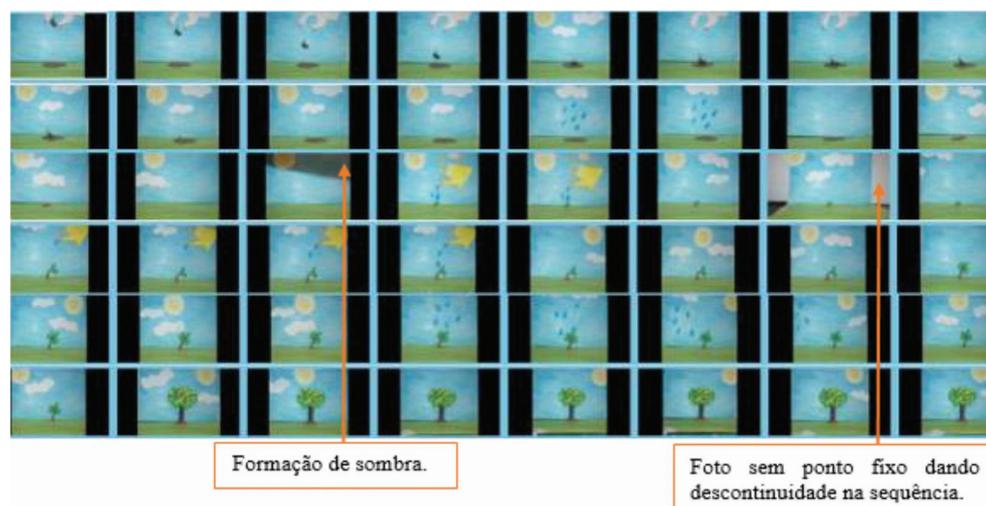
Imagem 1: Composição da etapa 2.



Fonte: arquivo pessoal.

No terceiro passo, Bossler (2010) destaca a tiragem de fotos, que incide em fotografar a imagem, modificar o personagem manualmente e fotografar novamente. A autora assegura que, nesta etapa do procedimento, o personagem pode andar, bater palmas, dançar ou o que se puder idealizar. Contudo, a autora ressalta a necessidade de se preocupar com a formação de sombras, sendo necessária a verificação das fotos para averiguação de possíveis erros.

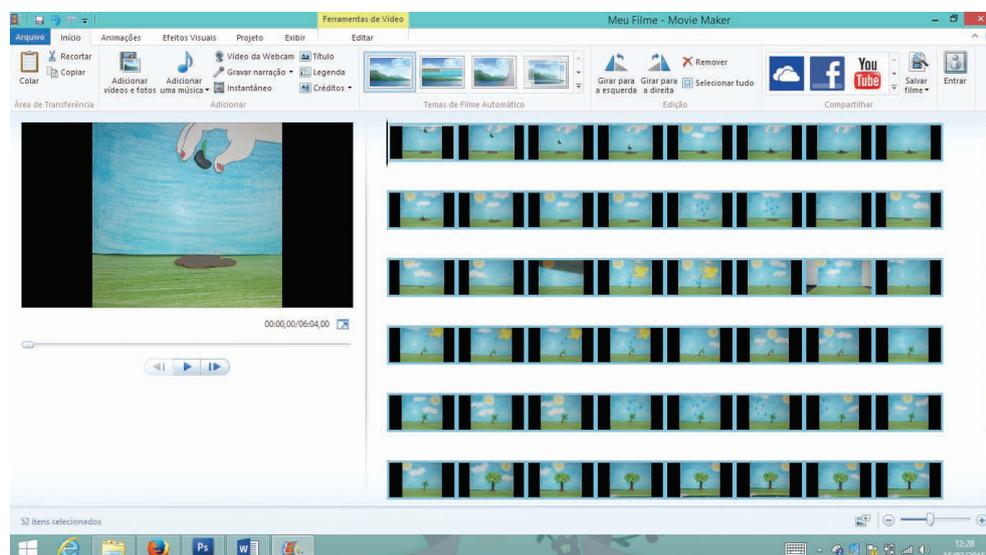
Imagem 2: Sequência de fotos produzidas por alunos do curso de pedagogia da Universidade Federal de Sergipe.



Fonte: Arquivo pessoal.

No quarto e último passo, Bossler (2010) enfatiza sobre a necessidade de transferir as fotos registradas para o computador e, a partir daí, deve-se construir o filme utilizando programas de edição de vídeo, a exemplo do *movie maker*².

Imagem 3: Edição de vídeo



Fonte: Imagens do software windows movie maker

² De acordo com a Microsoft (2013), o *movie maker* é um software de edição de vídeo e áudio que permite adicionar fotos e cenas da câmera ou computador para o software rapidamente.

O *software windows movie maker* é uma ferramenta que edita vídeos, corta, separa e seleciona cenas, adiciona áudio, vinhetas e legendas. As possibilidades do programa são inúmeras, além de simples apresentações de slides com fotos, o programa possibilita uma interface que disponibiliza o acesso fácil ao usuário. Caso o computador não disponha do programa, é possível encontrá-lo facilmente para *download* na internet em diversos formatos. Sua simplicidade não se resume apenas em seu funcionamento. O programa é de fácil instalação e proporciona ao usuário a possibilidade de acesso à página de suporte, caso surja alguma dúvida sobre a utilização do programa, ou até mesmo fóruns de compartilhamento de informações de como utilizá-lo.

Que bom, que pena, que tal: reflexões sobre a prática

A proposta para o minicurso, como explicitado anteriormente, perpassou como eixo principal a discussão sobre a questão ambiental e as relações socioambientais de forma crítica, por meio da construção de animações que valorizassem a cultura e valores das regiões de origem dos participantes.

Dentre as regiões de origem dos participantes, estavam: brasileiros vindos de Porto Alegre, Rondônia e Rio de Janeiro; os portugueses estavam representados por dois participantes de Porto; completando com um participante de uma comunidade africana denominada São Vicente.

A dinâmica de organização dos grupos foi decidida democraticamente no momento do minicurso. Em consenso, os participantes decidiram formar dois grupos de trabalho. O primeiro grupo propôs trabalhar uma prática muito corriqueira na região de Rondônia: o desmatamento para a construção de casas e instalações de fábricas. Já o segundo grupo, propôs trabalhar um problema ainda existente em algumas regiões portuguesas e brasileiras, o saneamento básico.

A escolha do roteiro foi um processo demorado, já que em consenso, os participantes foram expondo algumas problemáticas

existentes em suas regiões de origem e como a comunidade trabalhava para solução e enfrentamento dos conflitos e questões. Como apresentado no capítulo anterior, o tempo para construção das animações demandava um período muito curto. No entanto, além da construção do roteiro, foi perceptível um leve debate sobre a questão ambiental recorrente nas regiões citadas, deixando a primeira etapa para construção de animações muito mais enriquecedora.

Nessa linha de pensamento, Loureiro (2007) compreende que para entender a questão ambiental e as relações socioambientais é necessário envolver também o contexto dos conflitos existentes em uma realidade complexa que abarque uma totalidade concreta:

O que contribui sobremaneira para o entendimento de que as relações com a "natureza", enquanto identidade e pertencimento à totalidade complexa da vida, e as relações de apropriação dos "recursos naturais", enquanto utilização econômica, são históricas e relativas às relações sociais e modos de produção (formações sociais) e não condições atemporais. (LOREIRO, 2007, p.18)

Justifica-se assim, o momento de compartilhamento de histórias e contextos dos participantes, na tentativa de compreender um contexto que envolve a questão ambiental em suas regiões de origem. Esse momento da produção foi crucial na medida em que possibilitou a aproximação com a problemática e o diálogo de experiências em distintas culturas e realidades.

Na etapa seguinte, a tiragem das fotografias, os grupos de trabalho já estavam bastante atrasados em relação ao tempo proposto. Enquanto mediadora, preferi não interferir na etapa anterior por acreditar que o momento de compartilhamento de histórias e discussão de questões estava enriquecedor. No entanto, por conta do atraso, o momento da montagem do cenário e tiragem das fotografias foi bastante afetado no que se refere ao tempo.

Os grupos se empolgaram, discutiam experiências e histórias, em meio a produção dos personagens, os quais era possível perceber uma aproximação entre as vivências trazidas por eles e as

animações em construção. No entanto, só tínhamos 120 minutos, já comprometidos pela etapa da elaboração dos roteiros.

Segundo Leff (2004) o saber ambiental advindo da construção da realidade, se torna ponto chave para constituição de uma racionalidade ambiental que ultrapassa as matrizes epistemológicas e paradigmáticas existentes na sociedade atual.

É partindo do saber ambiental, que é possível a construção de uma nova racionalidade que permita a criação de estratégias que contemplem alcançar uma sociedade sustentável, distinta da sociedade hegemônica. (LEFF,2004).

O saber ambiental propõe a questão da diversidade cultural no conhecimento da realidade, mas também o problema da apropriação de conhecimentos e saberes dentro de diferentes racionalidades culturais e identidades étnicas. O saber ambiental não só gera um conhecimento científico mais complexo e objetivo; também produz novas significações sociais, novas formas de subjetividade e posicionamentos políticos frente ao mundo. [...]. Nesse sentido, o saber ambiental emerge como um processo de revalorização das identidades culturais, das práticas tradicionais e dos processos produtivos das populações urbanas, camponesas e indígenas. (LEFF,2004, p. 61 e 62)

Seguindo a linha de pensamento de Leff (2004), a intensão de todo o conjunto e das etapas propostas aos participantes através do minicurso, perpassava pela valorização da identidade, bem como, de saberes locais que faziam a diferença em suas regiões de origem.

Que pena que não tivemos mais tempo para ampliar os debates em cada etapa e proporcionar maiores compartilhamento de experiências socioambientais trazidas pelos participantes.

Após a construção dos cenários e tiragem das fotografias o tempo era bastante curto. Ainda era necessário utilizar o computador para editar as fotos e transforma-las em vídeos no *software windows movie maker*. Não havia mais tempo para a execução desta etapa, faltavam apenas vinte minutos para finalização do

minicurso e esta etapa ainda precisava de explicações para o uso do programa.

Que pena que os grupos de trabalho não conseguiram finalizar suas produções no programa e assim exibi-las e apresenta-las para os demais participantes. O tempo foi curto e a proposta gigantesca. *Que tal* para as próximas experiências o tempo seja maior e a proposta esperada seja finalizada como pretendida? Afinal, só para discutir saberes ambientais e identidade local daria um único minicurso.

Ao término da tiragem das fotografias, pedi licença aos participantes e apresentei o *software windows movie maker* e suas possibilidades para a finalização das animações. Pedi desculpas aos participantes pela não conclusão da proposta e agradei o envolvimento de todos na atividade.

Imagem 4: grupo de trabalho



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 5: Apresentação inicial



Fonte: Arquivo pessoal

Como forma de avaliação do minicurso, pedi a cada grupo para apresentar suas avaliações da atividade e o que pretendiam com as animações. O primeiro grupo de trabalho destacou a construção e colaboração de conhecimentos em conjunto e as possibilidades que uma simples ferramenta pode proporcionar aos envolvidos. Apesar da não conclusão, o grupo alegou ter entendido a lógica da atividade e as possibilidades que a ferramenta pode abarcar na discussão dos mais variados temas. A proposta de trabalho deste grupo perpassou pela ocupação desordenada de áreas protegidas, como encostas e barrancos, no entanto, com as discussões em grupo, o que parecia ser um problema apenas ambiental, se tornava também um problema social.

O segundo grupo de trabalho destacou a importância de se discutir a questão ambiental dentro do contexto das relações socioambientais e alegaram surpresos por já conhecerem a técnica, mas ainda não conhecerem as possibilidades de se trabalhar discussões de temas dentro dela. A proposta de trabalho deste grupo perpassou pela vivência de comunidades que ainda não tinham saneamento básico e sofriam com as inundações. O grupo também chegou a conclusão que apesar da população ainda

não dispor de saneamento, os Estados, juntamente com as comunidades, careciam de diálogos que permitissem o acesso às redes de esgoto melhorando as condições de saúde e de vida das populações atingidas.

Ambos os grupos avaliaram que o tempo foi curto e que a proposta demandaria muito mais tempo do que foi disponibilizado. Apesar da não conclusão da proposta, *que bom* que todos os participantes se envolveram na atividade e puderam conhecer um pouco mais da realidade de outras pessoas. Apesar do intenso do minicurso também ter sido a de compartilhar ideias sustentáveis, entendemos que o tempo foi muito curto para se chegar nesse ápice. No entanto, ficou a recordação de várias experiências dignas de se registrar neste artigo.

Considerações finais

As possibilidades de uma animação são infinitas, ainda mais quando esta é construída em grupo, de forma colaborativa e utilizando uma técnica simples como o *stop motion*. Esta experiência lusófona proporcionou não só a mim, enquanto mediadora, o aprendizado único construído durante o congresso, bem como, ao poder ouvir de cada participante suas histórias e experiências, ao visualizar as representações em forma de massinha de modelar das suas realidades, ao poder ouvir suas críticas e sugestões para melhoria da proposta do minicurso.

Enfim, o objetivo foi alcançado, apesar das reformulações imediatas e da reorganização da proposta no momento da atividade. Fica o registro e reflexões sobre a prática de mais um minicurso utilizando o *stop motion* na construção de animações como ferramenta capaz de fomentar a reflexão crítica perante as contradições inerentes ao modelo de sociedade vigente.

Referências

BOSSLER, Ana Paula. **Territórios de Interlocução**: caderno 02 Animação. Organização de Silvania Sousa do Nascimento, Greciene Lopes dos Santos. Belo Horizonte: UFMG/FAE/LEME, 2010.

LEFF, E. **Racionalidade ambiental**: a reapropriação social da natureza. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. **Aventuras da epistemologia ambiental**: da articulação das ciências ao diálogo de saberes; - Rio de Janeiro : Garamond, 2004 (ideias sustentáveis).

LOREIRO, C.F.B. (ORG.) ...[et al.]. **A questão ambiental no pensamento crítico**: natureza, trabalho e educação. Rio de Janeiro: Quartet, 2007).

MISROSOFT. **Movie Maker**: seu próprio estúdio de cinema- com um único download gratuito. Disponível em: < <http://windows.microsoft.com/pt-br/windows-live/movie-maker#t1=overview> > Acesso em: 27 jan. 2013.

Sobre a autora

Tatiana Ferreira dos Santos: Assistente social. Mestranda em Educação (PPGED/UFS). Colaboradora do Projeto Sala Verde na UFS e integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Ambiental de Sergipe - GEPEASE. Bolsista CAPES. Contato: tatianaferreira1@yahoo.com.br